

Flexibilidade metodológica no estudo de novos objetos: artesanato metodológico numa pesquisa qualitativa sobre a Geração Slash**Methodological flexibility in the study of new objects: methodological craftsmanship in qualitative research on Slash Generation**

DOI:10.34117/bjdv6n10-622

Recebimento dos originais:08/09/2020

Aceitação para publicação:28/10/2020

Eduardo Carneiro Lima

Doutorando em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Núcleo de Tecnologia e Qualidade Industrial do Ceará e Universidade Estadual do Ceará – PPGA/UECE

Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi

E-mail: educl.lima@gmail.com

Ana Cristina Batista dos Santos

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidade Estadual do Ceará – PPGA/UECE

Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi

E-mail: ana.batista@uece.br

Bruna de Sousa Félix

Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará
Instituto Atlântico e Universidade Estadual do Ceará – PPGA/UECE

Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi

E-mail: brunasousa165@gmail.com

RESUMO

A pesquisa articula os temas geração slash, carreiras e, principalmente, a flexibilização metodológica adotada para abordar novos objetos. Realizamos entrevistas em profundidade, utilizamos a observação e a elaboração de contos sobre os sujeitos como técnicas de coleta e análise dentro do que nomeamos de “mix metodológico” para atender às demandas do objeto. Os dados coletados estão em análise, mas o processo metodológico, principal sentido deste trabalho, está descrito em detalhes como parte de uma discussão necessária sobre abordagem de novos objetos. Concluímos que o equilíbrio entre reflexões e emoções assumiu um status de recurso analítico fundamental para o alcance dos resultados.

Palavras-chave: Geração slash, carreiras, flexibilização metodológica.**ABSTRACT**

The research articulates themes such as slash generation, careers and specially a flexible methodological insight to approach new objects. We realized deep interviews, using observation and tales making about the subjects as data analysis and collection techniques inside what we have

named as “methodological mix” to answer all the object demands. The collected data are going thru analysis phase, but the methodological process, main purpose of this paper, is described in details as a part of a necessary discussion on how to approach new objects. We conclude that the balance between reflexes and emotions has taken an fundamental analytic resource status to reach the results.

Keywords: slash generation, careers, methodological flexibility1 Introdução.

1 INTRODUÇÃO

As concepções de gestão de carreiras e trajetórias profissionais sofreram alterações a partir dos anos 70 (Chanlat, 1996; Kilimnik; Castilho & Sant’anna, 2006; Oltramari, 2008; Cavazzote; Lemos & Viana, 2012). Chanlat (1995), há mais de duas décadas, qualificou os modelos de carreira como tradicional e moderno. No modelo tradicional, enquadravam-se os profissionais que construíaam a sua carreira de forma linear, sequencialmente cumulativa e unidirecional, sustentada pela alta especialização e vocacionada pelo exercício de uma única habilidade. Cobiçavam permanecer empregados em uma só empresa, cultivando um currículo verticalizado, com experiências e trajetórias similares (Cavazzote; Lemos & Viana, 2012; Eugenio, 2012; Almeida, 2012). Na concepção moderna de carreira, observa-se a presença da instabilidade, da progressão descontínua e da horizontalização das trajetórias profissionais (Chanlat, 1995).

O contexto socioeconômico atual demonstra que o desemprego e a falta de oportunidade para os jovens têm demandado a formação de novas estratégias para a sua inserção no mercado de trabalho, não sendo uma tarefa fácil para eles (Evans, 1996; Pais, 2001; de Paula *et al.*, 2020). Sobreviver, e aqui utilizamos esse termo no sentido de atuar em um ambiente de instabilidade, tem direcionado os olhares dos pesquisadores para a ruptura desse modelo tradicional ao despontar dos novos horizontes profissionais (Chanlat, 1995; Pais, 2012). Sujeitos que, divididos, saltam e retornam na tentativa de buscar qualidade de vida, tantas vezes deixada de lado pelos trabalhos considerados tradicionais, movidos pela necessidade de construir uma carreira de sucesso. O atual cenário de mudanças nos padrões de percepção, orientação e inclinação das práticas de profissionalização, indica o aparecimento de um “novo agente criativo contemporâneo” (Eugenio, 2012, p. 238). Em tempos de poucas possibilidades de carreira associada a uma trajetória profissional linear, em que os percursos são cada vez mais aleatórios, caóticos e labirínticos (PAIS, 2003), espera-se dos jovens uma atuação e um domínio de múltiplas atividades, rompendo com os padrões tradicionais da especialização (Ferreira, 2012).

É nesse contexto mutante que emerge o conceito geração *slash*. Em 2012, o repórter Eduardo Magalhães, no website do O Globo, lançou uma reportagem sobre a geração *slash*: “Eles fazem de tudo: conheça a ‘*slash generation*’”. *Slash*, em inglês, significa barra, sinal gráfico utilizado para

separar as datas ou as múltiplas funções de uma pessoa. A vida dinâmica e repleta de atividades diferentes, que podem ser ou não complementares, definem o perfil dessa nova geração.

Discussões atuais sobre esse tema ganham campo à medida que o número de profissionais da geração *slash* aumenta (Eugenio, 2012), despontando de modo transversal entre as diferentes tipologias de carreiras. O sinal gráfico *slash*, que significa barra no sentido diagonal, é utilizado para designar a geração que acumula e pratica múltiplas atividades, aparentemente sem qualquer relação: administrador/fotógrafo; arquiteta/atriz/cantora; advogado/chef de cozinha/DJ/produtor musical (Eugenio, 2012; Rotunno, 2016). Uma geração de profissionais que encontra na prática *slash* alternativas de enfrentamento e construção de uma teia entre o que se gosta e o que é preciso fazer. Esse texto é motivado, então, pela seguinte questão: como abordar metodologicamente um novo objeto, a Geração *Slash*, que desponta em um campo ainda em construção? Essa pesquisa surge para pensar o campo do trabalho tradicional e as experiências e experimentações da geração *slash* a partir de uma abordagem metodológica flexível.

2 DISCUSSÃO METODOLÓGICA

Buscamos gerar conhecimento com o rigor requerido pelo objeto, mas sem cair nas armadilhas da rigidez, justamente por acreditarmos que processos considerados engessados podem não ter as melhores respostas sobre os questionamentos da vida e da academia. Nesse sentido, carregamos a convicção de que não há ciência sem experiência, atuar no campo do experimento para nós, cientistas, é encarar, pelo menos no primeiro momento, que não há situações ou condições absolutas. Os experimentos nos permitem dialogar com as possibilidades, com o diverso, com as dispersões, com o sutil, com o distinto e nessa perspectiva tendenciamos a olhar para o que há de mais fugitivo no campo de pesquisa para tentar compreender contextos mais amplos.

Pesquisar é caminhar. E assim como as configurações dos caminhos alteram-se diariamente, precisamos considerar que a pesquisa também pode mudar. O nosso objeto, qual seja a geração *slash*, não caminha em passos lineares, então como poderíamos gerar aproximação com ele presos em processos metodológicos rígidos e estáticos? Percebemos que a linearidade, nesse caso, poderia ser enganosa. Resolvemos, então, sair da estrada. Percebemos a necessidade de olhar para esses sujeitos de maneira particular, na verdade o próprio objeto requisitou um “mix metodológico”.

Sabíamos que as próprias referências teóricas também poderiam mudar ao longo da pesquisa, mas o pensamento de Mills (2009) sobre o artesanato intelectual permaneceu presente em todo o processo, bebemos dessa fonte, principalmente, considerando a nossa aproximação com o objeto, influenciados pelo fato de que os “mais admiráveis pensadores da comunidade acadêmica em que

decidiu ingressar não separaram seu trabalho de suas vidas. [...] querem usar uma coisa para o enriquecimento da outra” (Mills, 2009, p. 21). Precisávamos ser flexíveis quanto à metodologia e, por exemplo, com o próprio processo de descoberta do campo que, para nós, também foi um desafio. Provavelmente o primeiro avanço sobre o pensamento metodológico com bases tradicionais seguido por muitos pesquisadores organizacionais clássicos tenha sido o da “territorialização do campo”. Delimitar espaços e limites da pesquisa poderia ter nos privado de conhecer tantos sujeitos interessantes e distintos. Os territórios são dinâmicos, há um fluxo contínuo e esse pensamento de deslocalização nos proporcionou encontros marcantes e simbólicos. Além de assumir o processo de deslocalização do nosso campo, e apesar da pesquisa ter sido realizada apenas nas cidades de Fortaleza e São Paulo, entendemos que era preciso acompanhar os sujeitos de acordo com os seus movimentos cotidianos e, de algum modo, deixá-los livres em suas rotinas. Os próprios sujeitos entrevistados revelavam deslocalizações em suas histórias, por exemplo: um deles nasceu no sul do país, mas já morou no norte, no nordeste e hoje reside no sudeste.

A pesquisa teve uma orientação integralmente qualitativa, desde a imersão na literatura, cujas etapas de categorização e análise das manchetes jornalísticas sobre as gerações ainda estão em construção, até a análise dos dados coletados nas entrevistas e nas vivências de observação entre pesquisador e pesquisado, acreditando que o “primado metodológico mais central da construção de uma pesquisa com orientação qualitativa é exatamente o de ser uma [permanente] construção” (Albundes-Moreira, 1993, p. 74). A pesquisa de campo aconteceu no período de setembro a novembro de 2017, contando com a participação de cinco sujeitos que tiveram os nomes alterados neste trabalho. Foram entrevistados duas mulheres e três homens, com idades variando entre 30 e 50 anos. A leitura de Eugênio (2002) serviu como iluminação para a formação do campo. Ela, que também pesquisou sobre a criatividade profissional da Geração *Slash*, optou por não escolher entrevistados a partir de indicadores fechados como: renda, classe, idade, gênero.

Pretendemos aqui ser transparentes com os passos do nosso fazer científico, inclusive sobre os momentos em que tivemos que refazer e redesenhar as atividades da pesquisa. O processo de escolha dos nossos sujeitos também passou por isso. Com exceção de um dos entrevistados, que surgiu como uma daquelas gratas surpresas do campo, todos tinham algum tipo de relação com os pesquisadores. Desse modo, não assumimos qualquer tentativa de neutralidade ou distanciamento dessa seleção e do próprio objeto. No entanto, ficamos inquietos para garantir o equilíbrio e não desenvolver um trabalho fixado “em extremos”. Nossa intenção está no campo do equilíbrio científico, promovendo o encontro entre teoria e campo mediado pelo encontro sujeito-sujeito.

No momento da pesquisa de campo, experimentamos o esforço profissional banhado pela afetividade que há nos encontros, escritos e registros. Felipe, um dos nossos entrevistados, escolheu um bar e um fim de tarde para encenar o nosso primeiro encontro. E, sem o fetiche procedimental de utilizar isso apenas como um discurso metodológico, vivenciamos o que era importante para ele. Claro que nem tudo fica no campo da ideia e do prazer. Existe uma dimensão do “trabalho braçal” como desenrolar em linhas tudo o que foi visto e transcrever horas e horas de gravações, tudo isso após um dia cansativo. O fato é que damos o devido valor e atenção à parte técnica da nossa pesquisa, mas não permitimos escorrer uma gota sequer da sensibilidade de cada história revelada. O “sentir”, nesse caso, foi muito mais importante do que a busca por textos que justificassem a saturação do campo. Debruçamos-nos sobre os dados coletados e deixamos o “perceber” tomar conta dos nossos olhares, fugindo das narrativas consideradas tradicionais para resumir e generalizar a vida dos nossos sujeitos. Entendemos que era preciso escrever sobre o campo, e escrever logo, a partir das experiências vividas; reflexões e emoções ocupando um mesmo status de recurso analítico para tentar alcançar resultados interessantes. Nesse contexto, além das entrevistas em profundidade, cujas conversas foram gravadas e transcritas totalizando 220 minutos de áudio, das observações com anotações em diário de campo e inúmeras trocas de impressões e sentimentos entre os pesquisadores através do whatsapp após cada encontro, escrevemos contos sobre os sujeitos para tentar enxergar alguns detalhes que poderiam passar sem a poética dos discursos frios. Selecionamos e apresentamos abaixo pequenos trechos, ainda sem análises, dos contos desenvolvidos sobre os sujeitos desta pesquisa:

A primeira é a Camila. Nascida no interior do estado do Ceará, cresceu ouvindo e cantando músicas que embalavam as diversas fases de sua vida. Num dado momento, Camila juntou as suas coisas e foi morar na casa dos tios na capital do estado. Passou por muitas dificuldades, mas sempre encontrava prazer em atividades consideradas de liberdade. Formada em publicidade, Camila acabou experimentando uma atividade totalmente diferente de sua formação: cobrança. Hoje, ela é superintendente de uma empresa de cobrança, mas não abandonou o canto e aprendeu até a dançar conforme o ritmo da música. Tenta atribuir sentido ao seu trabalho considerando alguns prazeres que acumula em seu cotidiano e olhando para o futuro como uma janela onde poderá conciliar o trabalho tradicional gerador de renda com tantas outras atividades.

Felipe, publicitário de formação, iniciou a sua vida acadêmica, primeiramente, no curso de Administração, mas rapidamente percebeu que era “criativo demais” para permanecer em um curso considerado tão exato. Decidiu que queria mesmo era criar conceitos, artes e ampliar a sua palheta de cores. Migrou para o curso de Publicidade e conseguiu alguns estágios durante a graduação, mas

brincou dizendo que era inquieto demais para ficar no mesmo lugar por mais de dois anos. Acordou em um belo dia e decidiu que queria fazer um intercâmbio em Dublin. Não se intimidou pelo fato de não saber falar inglês, limpou chão, pratos e se virou até conseguir o emprego em um bar. O contato com um produto que ele já apreciava surgiu no momento certo, Felipe viu que poderia se especializar em algo que ele tanto gostava: bebidas. Voltou para o Brasil e, como sommelier de cervejas/publicitário, confessa que consegue enxergar a vida profissional com prazer.

O Marcelo sempre trabalhou em setores de empresas ligados à tecnologia e sistemas de informação, primeiro em Fortaleza e depois em São Paulo, quando tentou e conseguiu trabalhar na IBM. Em áreas consideradas isoladas e frias, Marcelo estava satisfeito com o dia a dia de um técnico em sistemas, mas foi na IBM que sua carreira mudou de rota e ele conseguiu migrar para a área comercial e de projetos. Após algumas insatisfações com a estrutura formal e, de certa forma, engessada de uma grande empresa, seus olhos se abriram para o mundo que acontecia lá fora. Começou a aflorar sentimentos antigos relacionados ao empreendedorismo e, hoje, Marcelo também é especialista e micro digital *influencer* no ramo de cafés.

Fernanda é uma menina de alma leve, que fala sorrindo, que conversa olhando no olho e sabe muito bem como conciliar com rapidez as suas atividades de trabalho. Fernanda cresceu ao som da viola de seu pai, dentista, que adorava “arranhar um samba” com os amigos. Ela começou a cantar desde cedo, mas sempre acreditando que o canto era apenas um hobby. O ano de 2008 foi bastante simbólico: 1) passou no curso de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo 2) e, pela primeira vez, conseguiu montar uma banda de música profissional. Da mesma forma que essas duas atividades coexistem sem aparentes interferências, Fernanda demonstra ser ousada, livre, destemida e ao mesmo tempo extremamente racional e pé no chão. Ela alterna entre os campos das experimentações e da realidade, da medicina e do canto, e, pelo que percebemos em seu discurso, a medicina desponta como provedora de recursos financeiros para a manutenção da sua música.

E por fim temos o Joaquim, engenheiro civil de formação, que pensava em ser piloto. Cresceu “pulando de galho em galho” por conta do trabalho do pai. Tudo isso dificultou a construção de laços e raízes na vida do Joaquim, mas ele ressignificou todo esse tempo e hoje é sócio de uma das maiores empresas de eventos de São Paulo. O menino, que era solitário, trabalha com gente, eventos e está sempre entre flashes. Joaquim também alterna as suas atividades administrativas com o prazer que encontra na cozinha, na literatura e nos exercícios de meditação e relaxamento. Pensa que a vida é uma verdadeira construção e, mesmo com 50 anos, faz planos para “mudar completamente a sua história”. E há vida pulsante no discurso de Joaquim.

Um dos marcos deste trabalho foi compreender que a pesquisa pode ser um campo construído a partir de relações sociais entre os atores. Os nossos diários de campo, contos, escritos e tantos rascunhos feitos com pensamentos que emergiam nas diversas conversas que tivemos funcionavam como um “arquivo pessoal do artesão intelectual” proposto por Mills (2009), apreendendo o real a partir dos “pensamentos marginais registrados no papel”. Propusemo-nos, então, a interagir com o objeto por meio de termos considerados não convencionais, acompanhamos o Felipe, por exemplo, em um “encontro de cervejeiros” para tentar compreender as dimensões que eram acionadas por ele; fomos com Camila a algumas aulas de surf e, em contrapartida, escutamos conversas telefônicas de natureza profissional que ela gerava com a sua equipe; e fizemos um tour pelas cafeterias de São Paulo com o Marcelo para perceber os sentidos do trabalho para ele.

O caminhar da pesquisa revelou dados que precisavam ser cuidadoso e qualitativamente analisados, pensados e repensados. Bons e longos encontros presenciais e virtuais entre os pesquisadores geraram ricas discussões sobre o processo de análise dos dados, que está em processo de elaboração utilizando a análise dos núcleos de sentido (Minayo, 2004).

3 CONCLUSÕES

A flexibilidade metodológica nos fez perceber que a não linearidade das histórias dos sujeitos foge dos registros de trabalhos que apresentam certa harmonia entre os aspectos e as características das gerações. Normalmente, pesquisas da área sobre o tema não demonstram o que tentamos rastrear no cotidiano dos sujeitos, como: dificuldades, frustrações, confusões, abandonos, desistências, sensações, sonhos, desejos, alegrias, conflitos. Não tivemos apenas a intenção de trabalhar com as biografias ou as análises de suas histórias. Apesar dos sujeitos atuarem em cenários distintos, acreditamos que os fios soltos de cada conto não estão isolados. Optamos por olhar as conexões subjetivas para tentar interpretar o real, movimento necessário para compreender aspectos de um objeto ainda em construção.

Buscamos essa flexibilização para tentar evitar possíveis imobilizações em uma dimensão excessivamente procedimental, desvalorizando os *insights* e as sensações que os pesquisadores podem ter no campo. É claro que é preciso garantir a solidez do processo metodológico, mas percebemos que não poderíamos abrir mão das inovações que emergiam dos encontros, escritos e discussões. Refletir com o campo foi um ato que mostrou a humanização da figura do pesquisador, que pode se envolver com o objeto e manter a seriedade exigida pelos parâmetros.

Percebemos, após algumas reflexões sobre a pesquisa, que os recursos tecnológicos poderiam ser utilizados na relação entre pesquisador e pesquisados, já que vivemos em um contexto

de forte impacto tecnológico. Por exemplo, ter acesso a fotos e textos dos sujeitos em suas redes sociais poderia gerar informações preciosas sobre acontecimentos não revelados nos encontros.

Apesar dessa flexibilização, sabemos que pesquisar é processo. Alguns passos estão mapeados, como: dar continuidade na categorização das manchetes jornalísticas presentes em cada contexto histórico das gerações; ampliar a amostra; aplicar a técnica de grupo focal para tentar compreender aspectos específicos que provavelmente só apareçam no contexto de grupo; finalizar a categorização dos discursos e desenvolver a análise dos núcleos de sentido (Minayo, 2004).

REFERÊNCIAS

Alblandes-Moreira, L.A. (1993) *Docta Ignorantia: sobre o que e como teoriza a teoria organizacional e administrativa prevalente*. 113p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) - UFRGS.

Almeida, M.I.M. (2012) Criatividade contemporânea e os redesenhos das relações entre autor e obra: a exaustão do rompante criador. IN: PAIS, J.M.; ALMEIDA, M.I.M (Org). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 21.

Cavazotte, F.S.C.N.; lemos, A.H.C.; viana, M.D.A.(2012). Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais? *Caderno EBAPE.BR*, v. 10, nº 1, artigo 9, p. 162-180, Rio de Janeiro.

Chanlat, J.F. (1995). Quais carreiras e para qual sociedade – I? *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: v.35, p. 67-75.

_____. (1996). Quais carreiras e para qual sociedade – II? *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: v.36, n. 1, p. 13-20.

De Paula, V. R. M; Judice, M. G.; Leão, D. V.; Freitas, F. E.; Merida, C.; Vilela, L. B. F.; Lourenço, R. F. B.; Neves, D. F.; Pereira, S. L. (2020). A feira de profissões da Universidade de Rio Verde na visão e seus visitantes. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 9.

Eugenio, F. (2012). Criatividade situada, funcionamento consequente e orquestração do tempo nas práticas profissionais contemporâneas. IN: PAIS, J. M.; ALMEIDA, M.I.M. (Org). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 210.

Evans, P. (1996). Carreira, sucesso e qualidade de vida. *RAE – Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: v.36, p.14-22.

Ferreira, V.S. (2012). Das belas-artes à arte de tatuar: dinâmicas recentes no mundo português da tatuagem. IN: PAIS, José Machado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 56.

Kilimnik, Z.; Castilho, I.V.; Sant’anna, A.S. (2006). Carreiras em transformação e seus paradoxais reflexos nos indivíduos: Metáforas de carreira e de competências. *Comportamento Organizacional e Gestão*, Vol. 12, nº 2, p. 257-280.

Mills, C.W. (2009). *Sobre o atesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
Minayo, M.C.S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. Ed. São Paulo: Hucitec / Rio de Janeiro: Abrasco.

Oltramari, A.P. (2008). Carreira: panorama de artigos sobre o tema. In: EnANPAD, *Anais...* Rio de Janeiro: p. 1-15.

Pais, J.M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto, Ambar.

_____. (2003). *The múltiplice faces of the future in the labyrinth of life*. *Journal of Youth Studies*, vol 6, n. 2, p. 115-26.

_____. (2012). O mundo em quadrinhos: o agir da obliquidade. IN: PAIS, J.M.; ALMEIDA, M.I.M. (Org). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 143.

Rotunno, L. (2016). *A geração "slash". Quem são eles?* Disponível em: <<https://pt.linkedin.com/pulse/gera%C3%A7%C3%A3o-slash-%C3%A9-aqui-aonde-chegamos-luigi-rotunno>>.